

PARA QUEM IREMOS?

“Senhor, só tu tens palavras de vida eterna”. (S. Jo 6.68)

Delegados e delegadas da 35ª Reunião do Concílio da Diocese Anglicana de Pelotas. Meus irmãos e minhas irmãs. A todos vocês Graça e Paz.

Aqui estamos todos na condição de ministros e ministras, servidores e servidoras de Cristo. Cooperadores e cooperadoras na construção do Reino de Deus. Ser cristão/cristã não significa ser alienado, desconectado da realidade do país, do mundo, da vida. Ser cristão/cristã implica, sim, estar atento ao que está acontecendo a nossa volta, na nossa cidade, no nosso estado, no nosso país, no mundo, na vida de todos os dias. Conscientes das transformações e mudanças do mundo. Ser cristão/cristã nos compromete com a vida - o sonho mais lindo de Deus. Nos compromete com o ambiente - dom maravilhoso da criação.

Muita gente acredita que a missão da Igreja é meramente espiritual, litúrgica, assistencial. Oração, louvor, leitura da Palavra, contemplação, caridade é seu propósito maior. Tudo isso feito no âmbito do templo, nas casas de retiro, nos espaços dedicados à vida devocional. Para muitos vale ainda a máxima: lugar de padre, de pastor, de religioso, do clero todo, é na sacristia, no santuário. Limita-se à nave, ao adro do templo. Este, aliás, é o perímetro máximo. Dali prá fora a responsabilidade, a ação é dos políticos, dos empresários, dos policiais, dos militares, enfim, das instituições civis, governamentais e não governamentais. Essa é a visão do evangelho? A prática de Cristo?

Momento político

No atual momento brasileiro viu-se muitas manifestações de religiosos. Escutou-se a voz de muita gente de igreja inconformada com o momento político brasileiro. A igreja anglicana não ficou atrás da coluna. Mostrou a cara. Manifestou-se por Carta Pastoral da Câmara dos Bispos. O fez com uma palavra pastoral, com a visão da pluralidade de membros da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Com o desejo de chamar o povo a refletir com liberdade. As vozes das ruas se mostravam radicais, antagônicas. Um muro foi construído. Cidadãos e cidadãs da direita. Cidadãos e cidadãs da esquerda. Gente de amarelo e gente de vermelho. Um Brapel. Um grenal. Um flafu. Os favoráveis e os contrários. Por um momento todos esquecendo-se que eram brasileiros.

As manifestações de rua - sinal de indignação dos dois lados - e uma possível conscientização do povo brasileiro talvez tenham sido o melhor de tudo o que se viu nestes dias. Todos defendendo um Brasil melhor. Esse era o discurso. A nota triste de tudo isso ficou por conta dos políticos mesmo. Aquela sessão plenária entrará para a história como

uma vergonha nacional. Não pela decisão tomada pelos parlamentares, mas pela forma como o fizeram. E em nome de quem o fizeram. E isso vale para todos, com raras exceções, é claro. Minha esperança é que o Brasil cresça e amadureça com tudo isso.

Nos momentos de crise e inquietação cria-se um bode expiatório e busca-se um messias, um salvador. Fica de fora a criatividade. Abandona-se a chance de fazer algo inovador, transformador. Repete-se modelos anacrônicos. Dá-se um passo prá traz, ou no máximo pro lado. Continuamos uma caminhada sem esperança, um dormir sem sonho, uma vida sem alegria. E isso não é bom prá ninguém.

Para onde vamos?

Creio que o lema deste concílio torna-se pertinente, relevante: “Para quem iremos?” Para quem iremos? Qual o rumo que devemos tomar? Na porta de quem havemos de bater?

A resposta parece clara: “*Senhor, só tu tens palavras de vida eterna*”. Tu és o caminho, a verdade e a vida. Tu és a fonte de vida eterna. Em ti há vida abundante.

Portanto, entreguemos o caminho ao Senhor. Confiemos nele. Sigamos em frente, crenes no futuro, sem jamais desistir dos sonhos. Sustentando projetos de paz, justiça, cidadania. Repartindo solidariedade. Testemunhando o amor que renova todas as coisas, une todas as pessoas, respeita os diferentes. E, por fim, batemos na porta da unidade, cujo ferrolho é a inclusividade. “Aqui você tem lugar”. Somos acolhidos pela boa vontade e ceamos com o perdão, a reconciliação, a confiança, o despreendimento, a tolerância. Eis a utopia do oásis. Prenúncio de um novo céu e uma nova terra, com um grande desafio, talvez uma forte aspiração: “*amem um aos outros*”. Eis o projeto do Reino de Deus. Eis o plano de salvação de Deus, disponível, ao alcance da humanidade toda, pela entrega total de Jesus Cristo.

Temos pela frente muitos desafios. Muitos sonhos. Um feixe de esperança. Aspirações sem conta. Queremos ver pessoas vivendo com dignidade, tendo seus momentos de felicidade, de paz, fraternidade. Na linguagem poética da **Oração Eucarística D** da nova edição do Livro de Oração Comum rezamos:

“Cristo nos revelou um novo céu e uma nova terra, uma sociedade que alcança sua plenitude no Espírito Santo, que traz consigo justiça e produz paz e harmonia; uma ordem onde não haverá mais crianças recém nascidas para viver poucos dias, nem pessoas idosas que não vivam muitos anos; um reino onde o bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e uma criança os guiará.”

A nova sociedade é dom de Deus, não é obra dos homens, para que ninguém se glorie, como diz S. Paulo. Isso na verdade é missão. Uma missão que deve inquietar a todos nós, gente de igreja. Esta é uma missão que a igreja deve assumir com todas as suas forças: *“Transformar os reinos deste mundo no reino de nosso Senhor Jesus Cristo.”* Essa ação transformadora pode parecer distante, inatingível para muitos. É o compromisso do nosso batismo. Concentremo-nos então no particular. Preocupemo-nos com o nosso quintal. Com a conta do armazém.

O grande desafio

Seja nosso grande desafio cuidar da missão e gerar cultura missionária. Busquemos transformar as estruturas paroquiais em algo decididamente missionário. Por que? Porque em certa medida *“é fácil cuidar pastoral e administrativamente de uma paróquia ou missão. Não é difícil celebrar os sacramentos: eucaristia, batismo, matrimônio, unção dos enfermos. Também não é difícil alimentar a vida do povo com práticas devocionais.”*

Imagino que vocês possam estar se perguntando agora: como não é difícil administrar uma paróquia, ou celebrar regularmente, nutrir devocionalmente o povo de Deus? O que é difícil, então? Respondo: difícil mesmo, por exemplo, *“é transformar a prática sacramental milenar em missão, capaz de gerar esperança e vida nova no coração das pessoas. Difícil é aplicar o dinheiro que as paróquias e missões geram na missão. Precisamos aprender de uma vez por todas que missão é a essência e a natureza da igreja. A igreja existe no mundo para anunciar a boa nova do Reino de Deus ao coração das pessoas, a fim de que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.”*

Somos pródigos em elaborar planos, programas, projetos, ações de missão, mas deixamos Jesus de fora da obra missionária. A pergunta deste concílio deve continuar inquietando nossas mentes corações quando sairmos daqui: *“Para quem iremos?”* Quantos de nós sairá daqui com esta convicção: *“Senhor, só tu tens palavras de vida eterna?”*

Lembro que Dom Prado dizia: Tudo o que fazemos na igreja e na vida deve ser educação cristã. Costumava dizer também: sempre que damos um passo para trás não damos dois pra frente. A tendência é retroceder sempre mais. Mas precisamos avançar. Avançar no compromisso com a missão. Missão aqui compreendida como compromisso com a vida, com a justiça, com a construção da paz. Tudo o que fazemos na igreja e na vida deve ser missão.

Minha esperança é que esta 35ª Reunião do Concílio assuma com coerência, coragem, dinamismo o propósito da missão: adorar, servir, crescer, nutrir, fortalecer, amar, unir, transformar.

É tradição nos debruçar sobre uma montanha de relatórios e prestação de contas. Em cima do que foi produzido e revelado surgem muitas

discussões, debates, críticas, ponderações. Fazer tudo isso é fácil. Difícil é identificar em cada texto um esforço, um desejo, um sonho de fazer missão. Estes registros são importantes. Representam o zelo pela vida da igreja. Muitos certamente se tornarão fontes históricas (passados 50 anos). Por isso devem ser tratados com respeito, dando-lhes o devido valor.

Entretanto neste concílio confesso, sinceramente, espero algo novo. Algo que aponte mais claramente para o jeito de ser e fazer missão. Algo gerado no útero das comunidades. É a vida que se faz em meio ao sofrimento, à angústia e a dor. Com muito trabalho, dedicação, desafio, esperança, união.

Prestemos atenção na caminhada dos jovens com toda a precariedade que ainda possa ter. Alguns deles hoje fazem parte da delegação deste concílio. Olhem para o esforço das comunidades que sonham com um patrimônio adequado para ser instrumento valioso de missão. Salões paroquiais e templos são restaurados e construídos. Alegremo-nos com o esforço e a conquista na educação cristã de nossas crianças e adolescentes. Práticas interessantes acontecem em algumas paróquias e missões, como veremos aqui. Saudemos os grupos de música que nascem e crescem na diocese. Além disso tantas outras coisas positivas e bonitas que se tem. Que tudo isso sirva de incentivo, encorajamento para a missão, a verdadeira razão de ser da igreja. Sejam confiantes. O Senhor caminha conosco. “Ele faz da morte brotar a vida”. É luz que ilumina o caminho do povo. É a fonte que jorra no deserto. É a porta que se abre para a comunhão. É o amor, bem maior. É a graça que transforma o mundo.

Conclusão

Por fim, pergunto mais uma vez: o que esperar deste concílio?

Espera-se lucidez, discernimento, união, fraternidade. Vida nova. Uma igreja que sinalize seu compromisso fiel com a renovação, com uma espiritualidade engajada, com os pés no chão. Uma igreja comprometida com um projeto de vida, com o cuidado da criação. Um testemunho corajoso para que o mundo creia.

“Vocês serão meus discípulos – disse Jesus – se fizerem o que eu mando”. Portanto sejam fortes. Tenham coragem, eu venci o mundo. Eis a propagação do evangelho.

Concluo então com uma palavra de S. Paulo, num tom de prece, de oração:

“E a glória seja dada a Deus, que, por meio do seu poder que age em nós, pode fazer muito mais do que pedimos ou pensamos. Glória a Deus por meio da Igreja e de Cristo Jesus, por todos os tempos e para sempre. Amém.

D. Renato Raatz – Bispo diocesano